

2007 - Samora morreu há 21 anos

Samora morreu há 21 anos

por: Eugénio Costa Almeida©

Morreu — ou foi morto, assassinado, conforme as leituras que se queira e deseje fazer — há 21 anos, num acidente de aviação, em Mbuzini, montes Libombos, território sul-africano, perto da fronteira com Moçambique. Era, foi e soube ser, um líder no seu País, afro-austral e africano. Apesar das suas proverbiais deficientes habilitações académicas, que não políticas, soube, com carisma e não poucas vezes com pragmatismo, diga-se, unir uma larga fatia do povo moçambicano e gerir com luvas de veludo as relações entre Moçambique e os seus vizinhos austrais, nomeadamente, com a África do Sul com quem chegou a assinar, ainda durante o regime do “apartheid” um acordo de respeito e boa vizinhança, o “Acordo de Nkomati”. Quando morreu alguns dos seus inimigos pensaram que o caminho para a submissão de Moçambique ficava aberto. Só que ele tinha deixado germens suficientes para manter Moçambique como charneira nas relações afro-austrais como mais tarde se veio a verificar quer no “desmanchar” do apartheid quer na transição independentista da Rodésia do Sul (racista) para o Zimbabué (de maioria negra). Falo de Samora Moisés Machel, o primeiro presidente de Moçambique. Quando morreu deixou um legado que os sucessores souberam aumentar e consolidar, nomeadamente, ao assinarem o Acordo Geral de Paz e tirarem o País do estigma de ser o mais pobre de África. Mas se é verdade que os sucessores souberam ler os iniciais erros políticos e sociais de Machel também é verdade que Moçambique ainda não conseguiu, sair da zona cavernosa onde se encontra. Como há dias escrevia Orlando Castro, a ausência de guerra não significa Paz. Mas também a não existência efectiva de Paz não deveria contribuir para a quase estagnação em que se encontra parte da vida social do País; ou da economia que não descola como deveria ser, apesar do crescimento estar acima dos 5% — crescimento económico nem sempre é sinónimo de desenvolvimento e riqueza, no sentido em que esta é para toda a população e não só para uns quantos —, ou ter diminuído em cerca de 20% o número de muito pobres —; passou, segundo recentes palavras da primeira-ministra à comunicação social, de aproximadamente 76%, em 2001, para 54%, em 2005, — e do aparecimento de gás natural e, pensa-se, de outros hidrocarbonetos; ou das (des)contínuas demonstrações e incompreensões políticas entre a Frelimo e a oposição. Se a morte de Machel deveria ter sido, principalmente depois do Acordo Geral de Paz, o catalizador para o arranque real e efectivo de Moçambique no seio da África Austral —; e Joaquim Chissano pareceu querer fazê-lo, dentro das limitações por que o País passava —; a actual situação política não demonstra isso. Guebuza —; que mostrou enquanto gestor saber como gerir as suas “holdings” —; como político e mais alto Magistrado na Nação, não tem sabido —; ou podido —; transpor para a vida social e política do País esses conhecimentos. Seria —; será —; altura dos moçambicanos pararem um pouco para pensar e, mesmo que, naturalmente muitos, até de alguns dos seus companheiros, não comunguem das ultrapassadas ideias socializantes e proletarizadas de Machel, procurarem perceber que Moçambique, seja na CPLP, na Commonwealth ou na conferência islâmica pode e deve contribuir para a Paz na região e na índica África Oriental. Basta que relembrem que Machel soube, em favor do seu País, conviver —; e talvez por isso morreu —; com o objecto regime do apartheid. ©Publicado no jornal moçambicano O Observador, edição nº 082, de 19 de Outubro de 2007 sob o título (edição em PDF por assinatura)